

A FILOSOFIA E A REALIDADE DO ENSINO: A BUSCA PELA QUALIFICAÇÃO

BRIXNER, Israel

Bolsista do Capes - PIBID/UNIFRA
Acadêmico do Curso de Filosofia - UNIFRA
E-mail: israelbrixner@hotmail.com

SIQUEIRA, Grégori Lopes

Bolsista do Capes - PIBID/UNIFRA
Acadêmico do Curso de Filosofia - UNIFRA
E-mail: gregsiqueira@yahoo.com.br

RIBAS, Maria Alice Coelho

Professora orientadora do Curso de Filosofia – UNIFRA
E-mail: marialicecr@hotmail.com

GARCIA, Thanise Corrêa

Bolsista do Capes - PIBID/UNIFRA
Acadêmica do Curso de Filosofia - UNIFRA
E-mail: thanise.correa@gmail.com

ZANARDI, Isis Moraes

Bolsista do Capes - PIBID/UNIFRA
Acadêmica do Curso de Filosofia - UNIFRA
E-mail: zanardi.m@hotmail.com

RESUMO

O trabalho pretende fazer algumas considerações sobre a Filosofia e as problemáticas do seu ensino, bem como questões que envolvem a educação básica em geral. Quer-se expor alguns desafios e propostas possíveis para a Filosofia, que se pode estar ao nosso alcance. Percebe-se que a Filosofia sofre certa rejeição, pelo fato de sua natureza exigir uma mudança de atitude frente à realidade, o que faz com que o seu ensino padeça. Ainda, as condições do ensino não favorecem para a produção de conhecimento, pois se observa uma indiferença frente ao conhecimento, tanto por professores, quanto para muitos estudantes que não tem disposição para pensar. Pensa-se, também, que o contato com a tradição filosófica e a aplicação da mesma de forma correta, pode ser uma boa alternativa para mudar a qualidade do ensino. A metodologia trata de uma pesquisa bibliográfica em alguns pensadores e especialistas em educação e ensino de Filosofia.

PALAVRAS CHAVE: Educação; Ensino; Filosofia.

INTRODUÇÃO

A presente abordagem pretende fazer algumas considerações sobre a Filosofia, sobre a realidade do ensino e alguns desafios e propostas para o ensino de Filosofia, frente à realidade da educação básica, que podem estar ao nosso alcance. Percebe-se que a Filosofia sofre certa rejeição, pelo fato de sua natureza exigir uma mudança de atitude frente à realidade. Com isso, a Filosofia inserida na educação padece para obter qualidade no seu ensino. Além disso, as condições do ensino de modo geral não favorecem para a produção de conhecimento, pois se observa uma indiferença frente ao conhecimento, tanto por

professores que não buscam qualificação, quanto para muitos estudantes que não tem disposição para pensar, ainda mais filosoficamente. Portanto, cabe uma reflexão sobre questões que estão ao nosso alcance, e que pode melhorar as presentes condições. Pensa-se que o contato com a tradição filosófica e a aplicação da mesma de forma correta, pode ser uma boa alternativa para mudar a qualidade do ensino. Não se pode prender-se apenas à realidade complexa que o ensino atual apresenta, mas fazer a nossa parte, aquilo que nos compete. Assim, se passará agora, à discussão sobre tais questões pertinentes à educação e, principalmente a situação da Filosofia no contexto educacional e como podem ser possíveis mudanças que venham beneficiar o seu ensino e a sua prática.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 A NATUREZA DA FILOSOFIA

A Filosofia, antes de qualquer coisa é uma realidade existente que não pode ser negada, pois “seja a filosofia o que for, está presente em nosso mundo e a ele necessariamente se refere” (JASPERS, 1971, p.138). É certo pensar que a Filosofia se refere ao mundo, à vida e muitas outras questões que movem a existência humana. Porém, cabe a pergunta: se a Filosofia é uma realidade que se refere a algo, que diz de coisas próprias do humano, porque parece haver tanto desprezo em relação a esse saber nos dias atuais?

Não parece ser difícil decifrar tal questionamento. A natureza da Filosofia exige uma disposição para sua tarefa, um tamanho envolvimento que “se eu a compreendesse, teria de alterar minha vida” (JASPERS, 1971, p.139). Falar algo sobre Filosofia é bem diferente de viver a Filosofia, de perceber a necessidade de rever os juízos falhos e equivocados, e, por que não, mudá-los. A natureza da Filosofia, ainda, mergulha numa infinita atitude crítica frente à realidade, ao buscar desvendar, tirar o véu, das causas e princípios das coisas. E isso nos tira de um estado cômodo de passividade frente aos problemas que a realidade nos coloca.

Platão, no livro VII da República expõe a alegoria da caverna, e mostra como é difícil sair do mundo das sombras (das opiniões) e conhecer o sol (a verdade):

Considera, pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados de sua ignorância, [...]. E se o arrastassem, dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar a luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos (PLATÃO, 1987, p.318-319, - 515 e, 516 a).

Percebe-se que a luz da verdade, em primeiro instante nos cega, nos bloqueia e facilmente faz com que não se queira contemplá-la. Com uma atitude filosófica deixo de

considerar o mundo meramente vivido, mas aspiro à compreensão do mesmo. Vê-se, assim, que não é difícil entender porque a Filosofia recebe certo desprezo, e que muitas vezes é ignorada pela grande maioria. Pensar filosoficamente não é uma tarefa fácil se levar-se em consideração a natureza, a essência da Filosofia.

Diante desta realidade complexa que a essência da Filosofia exige, e da maneira indiferente que quase sempre é tratada, coloca-se mais um questionamento, que penso ser mais amplo do que o primeiro: como lidar com a Filosofia na educação básica? Deixar-se-á esse questionamento para tratar mais adiante, nos desafios da Filosofia. Mas, utilizar-se-á essa questão para refletir, primeiramente, como está à realidade do ensino de modo geral, e como a Filosofia participa dessa dinâmica: Os professores estão capacitados a lidar com os problemas da indiferença frente ao conhecimento, principalmente da Filosofia? Os alunos estão pré-dispostos a pensar? As condições culturais, sociais, econômicas, refletem a situação da educação? Será que os métodos de ensino precisam ser reavaliados? Precisa-se de uma didática própria para a Filosofia?

1.2 A FILOSOFIA E A REALIDADE DO ENSINO

Deve-se considerar que há uma crise na educação escolar. Parece que se perdeu o foco da educação e isso se percebe claramente na dificuldade de pensar criticamente e refletir sobre a realidade. Um dos questionamentos anteriores, a saber, se os professores estão capacitados a lidar com os problemas da indiferença frente ao conhecimento, infelizmente percebe-se que antes de pensar em capacitar-se para tal problema, muitos sequer estão preocupados com o problema da relativização ou indiferença frente ao conhecimento. Os profissionais poderiam buscar alternativas para sair deste problema, mesmo sendo difícil conscientizar o estudante, pensa-se que não seria uma tarefa impossível. Porém, parece que não se vê o problema, e pior, não se quer ver. Comunga-se com a ideia de Desidério Murcho, quando este afirma que muitas escolas e grande parte do ensino básico sofrem com a realidade da burocratização:

Hoje, as escolas são parte de uma máquina burocrática, gerida por burocratas que tudo o que procuram é a sua promoção pessoal e continuar a ganhar bem sem fazer nada. E para conseguirem isto tem de apresentar números felizes de sucesso escolar inventado. (MURCHO, 2002, p.14)

É claro que não se pode generalizar essa concepção, pois há profissionais que ainda preocupam-se com o ensino, com o conhecimento e formação de pessoas humanas sadias e conscientes, capazes de cumprir as exigências, antes referidas, da Filosofia. Mas, também é verdade, que muitas escolas, muitos professores e responsáveis pelo ensino não se

interessam e muito menos se envolvem com questões importantes e fundamentais para o êxito do ensino.

Outra questão que reflete no ensino e principalmente na Filosofia é a desmotivação dos alunos e a dificuldade que apresentam para pensar, refletir, fazer uma crítica. Não se podem esquecer as primeiras considerações sobre o desgosto da Filosofia, pelo fato desta exigir uma mudança de atitude. Pensa-se ser este um motivo razoável para justificar a sonolência mental frente à Filosofia. Mas, deve-se ir um pouco além e pensar nas condições externas que bloqueiam o estudante, que afeta seu bom senso, que não o deixa desenvolver suas capacidades da razão. Navia comenta sobre esta realidade:

Pelo lado das *condições socioculturais dos educandos* a situação é também adversa. Famílias que não podem custear os materiais indispensáveis, alguns que não portam livros e cadernos senão com fotocópias isoladas em cadernos polifuncionais; lares sem bibliotecas mínimas nem jornais que introduzam noções de cultura geral e habilidades linguísticas mínimas (NAVIA, 2004, p.73)

Percebe-se, pois, que a realidade é muito mais complexa quanto parece. A falta de vontade em pensar e a dificuldade para tal tarefa tem reflexo em condições adversas amplas da realidade.

Une-se, portanto, as exigências da natureza da Filosofia com uma realidade social e cultural completamente desprovida de capacidade crítica e reflexiva. Não bastasse tal dificuldade, ainda se vê politizações de cargos, má vontade de docentes e despreparo. Percebe-se que a realidade dos estudantes é o reflexo da realidade dos professores, do modo de ensinar e da educação como um todo.

No meio deste emaranhado tocante à educação, a Filosofia sofre na busca por um ensino que dignifique a sua essência, aquilo que sua essência enquanto um saber racional, teórico, crítico, lógico e reflexivo necessita. A realidade é demasiado complexa, mas a Filosofia como uma disciplina obrigatória de currículo está presente e deve buscar sempre melhores condições para a sua aplicação.

2 METODOLOGIA

Apresenta-se, primeiramente a questão essencial da Filosofia, ou seja, a finalidade da disciplina, enquanto um saber racional. Passa-se, em seguida, a uma abordagem do ensino de Filosofia e dos diversos problemas que a educação básica enfrenta. Por fim, pensam-se os desafios que a Filosofia enfrenta em meio a tal realidade, sucedido de propostas alcançáveis. A metodologia utilizada trata de uma pesquisa bibliográfica em alguns pensadores e especialistas em educação e ensino de Filosofia.

3 RESULTADOS

3.1 ENSINO DE FILOSOFIA: DESAFIOS E PROPOSTAS

Perceberam-se algumas noções de como a Filosofia e o ensino básico em geral estão inseridos em uma realidade desafiadora. É evidente que, como futuro professor e interessado na evolução da Filosofia dentro do currículo, como disciplina obrigatória, devam-se pensar alguns desafios que está ao alcance do futuro docente e algumas propostas possíveis a serem executadas. Também é claro, como já se mencionou anteriormente, que há uma série de fatores que envolvem todo esse processo problemático: problemas políticos, econômicos e sociais; realidade de indiferença e de certa repulsa pelo saber filosófico; indisposição dos alunos e professores; falta de formação; mentes que não querem pensar. Então, de que adianta pensar propostas e colocar desafios no ensino de Filosofia? Entende-se, pois, que cabe a cada um fazer sua parte, mesmo em condições atuais desfavoráveis, para a produção de conhecimento. Ao pensar na frase de Jaspers que foi citada no início, a saber, que a Filosofia está presente, não importando se se tem disposição ou não, se a realidade aceita ou não, torna-se relevante levantar questões, propostas e desafios para o ensino de Filosofia, e é o que se tentará expor a seguir.

3.2 NÃO PERDER DE VISTA A TRADIÇÃO

Pensa-se que é importante definir o caráter conceitual da Filosofia. Primeiramente, não é possível pensar a Filosofia como a física ou a química, pois não será através do cálculo da velocidade vezes o tempo, ou de uma fórmula, que se conseguirá responder, por exemplo, o que é a liberdade, a ética, ou se Deus existe. A Filosofia exige uma disposição teórica onde os conceitos e a abstração são fundamentais para haver uma produção de conhecimento. Ao partir desse pressuposto, pensa-se que um método de ensino adequado para a Filosofia é aquele que consegue trabalhar conceitos, ideias, aplicando-os na realidade, transformando o vivido para o compreendido, abalando juízos de “achismos” e opiniões vagas. Mas, como pode isso acontecer? Pode algum professor conseguir tal façanha? Pensa-se que é viável, ao saber que não há um único método possível e adequado, uma única didática que dá certo. Pelo contrário, o conhecimento passa pela disposição do professor, pela seriedade como ele trabalha, pelo conhecimento, pela valorização do ensino e da educação e pela criatividade.

Para valorizar a Filosofia e sua essência, no momento de transmiti-la a um estudante, pensa-se que a tradição filosófica seria um ponto de partida relevante. Ora, na história da Filosofia sempre se destacaram filósofos que trabalharam com conceitos, com argumentos, com uma disposição crítica perante a vida. Reflete-se que para ser um bom professor não basta ser criativo e desenvolver boas técnicas, se este não é capaz de se

lançar nos textos clássicos e nos argumentos dos filósofos. Mas, deve-se ter certo cuidado quando se fala da história da Filosofia, pois esta apenas tem sentido se o aluno for capaz de produzir conhecimento e não reproduzir ideias. A missão do professor é fazer uma transposição didática, ou seja, favorecer que o aluno compreenda, por exemplo, A República de Platão, sem perder a essência filosófica. O professor será feliz se o aluno, compreendendo a teoria das formas de Platão, por exemplo, for capaz de produzir um conhecimento relevante a sua vida e a sua realidade, sem distorcer a ideia primeira do autor.

Murcho (2002, p.75) diz que “só quando entramos na discussão filosófica estamos a dialogar com a tradição filosófica; quando estamos a fazer a sua história estamos apenas a exercer as funções de conservador de museu”. Pensa-se, pois, que não se pode perder de vista a tradição filosófica, tendo um cuidado especial em como tratá-la. Entrar na discussão, dialogar com a tradição é um importante passo a ser dado para o progresso do ensino de Filosofia.

3.3 REALIZAR BEM O QUE ESTÁ AO ALCANCE

O professor de Filosofia sensato deve estar consciente de que nunca será capaz de resolver todos os problemas da educação, que não são poucos. Citou-se alguns anteriormente, como a realidade difícil das políticas de ensino, a indiferença de alguns professores frente à educação e a Filosofia, a indisposição dos alunos, fatores culturais e econômicos, etc. Por isso, a tarefa de tornar o ensino qualificado e tornar a Filosofia realmente filosófica é muito desafiadora. Já se alertou para a necessidade de não deixar escapar a tradição filosófica, tornar a história da Filosofia filosófica e geradora de conhecimento.

Também, pensa-se ser importante realizar bem aquilo que está ao nosso alcance. Para isso, Navia alerta para a necessidade de se tratar dos grandes temas de nossa época, sem deixar de lado a tradição filosófica, que fora citado anteriormente embasado por Desidério Murcho. Navia comenta que os temas e momentos fundamentais da tradição filosófica são a base para a real dimensão histórica do presente. Mas, também se percebe que deve-se dar mais valor aos grandes temas de nosso tempo.

Entendemos como “grandes temas de nosso tempo” os fenômenos teóricos ou práticos que estão fazendo a história de nossa época. Os grandes fenômenos que estão gerando as condições do futuro da humanidade e de nossa América. Problemas do conhecimento ou de definição axiológica que marcam este tempo e o futuro. Problemas, enfim, que tem a ver com o possível sentido da vida dos jovens e adultos que neste tempo vivemos e atuamos” (NAVIA, 2004, p.81)

São inúmeros os temas que deixam margem para uma reflexão filosófica, e por isso devem ser explorados de forma mais direta. Pode-se pensar em temas éticos, valores e costumes, aborto, injustiças nas massas, etc. Ao tratar tais assuntos de forma filosófica, se está ativando o “papel universal da análise e da reflexão filosófica” (Ibidem.)

Pensa-se que a história da filosofia e o momento presente não podem estar separados. Muito menos, considerar apenas um como suficiente. Trazer presente a tradição filosófica, transformando-a em conhecimento útil e filosófico é o grande desafio. Ainda, é de suma importância unir esse ideal aos temas que fazem parte das discussões cotidianas e presentes hoje. Assim, além de conhecer os grandes temas filosóficos que marcaram a história, e suas implicações, poderá se utilizar dos temas presentes nessa época para relacionar, analisar, comparar teorias e momentos históricos. A produção de conhecimento qualitativo é impossível de não ser atingido se tais pressupostos forem observados no ensino.

4 CONCLUSÃO

Percebe-se a necessidade de valorizar mais o ensino, principalmente da Filosofia, que é ignorada por muitos. Conhecer a natureza da Filosofia já é um método eficaz para mesma, pois conhecê-la implica: mudança de atitude frente ao mundo e a vida; avaliação dos juízos admitidos até o momento; atitude reflexiva-crítica-lógica de problemáticas que se colocam; sair do mundo das “sombras” e contemplar a “luz da verdade”.

Para que esse processo de vivência filosófica atinja o ensino básico, é preciso estar ciente da realidade do ensino. O professor precisa fazer bem aquilo que lhe compete, nas condições que lhe são apresentadas. Se o estudante não está disposto a ler e interpretar um texto clássico, seja insistente e motive-o, sensibilize-o para que possa tomar gosto pelos conceitos, pelos argumentos, pela história. Mas, acima de tudo, tente fazer com que nasça o conhecimento, e que este seja a motivação para novos desafios. Nem importa muito a metodologia ou didática de ensino utilizada, desde que seja capaz de tornar a Filosofia fonte de conhecimento, salvando sua natureza.

Para finalizar, não se pode deixar de lado a tradição filosófica, pois esta foi e é um grande referencial que se tem para se utilizar e pensar a realidade atual a partir dos problemas que os grandes pensadores já trabalharam. Pensa-se, pois, que o ensino de Filosofia caminhará melhor se a tradição filosófica for respeitada. Também, se a Filosofia for encarada com seriedade pelos profissionais do ensino, novos horizontes podem ser contemplados. Não se pode deixar de filosofar a vida, o mundo, a realidade que se está inserido, os problemas do ensino, os desafios e realidades que estão ao nosso alcance,

pois, enquanto pode-se pensar, a Filosofia poderá transformar muitos desafios em realidades positivas e em conhecimento.

5 REFERÊNCIAS

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1971.

MURCHO, Desidério. **A natureza da Filosofia e seu ensino**. Lisboa: Plátano Edições técnicas, 2002.

NAVIA, Ricardo. **Ensino médio de filosofia nas presentes condições culturais e sociais de nossos países**. In: KOHAN, Walter O. (Org). *Filosofia: caminhos para o ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.